

Editorial

Rozicleide Bezerra de Carvalho

*A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.
Não temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à
discussão criadora sob pena de ser uma farsa.*

Paulo Freire

Iniciar com um pensamento do nosso sempre patrono Paulo Freire, é reconhecer suas ideias e a educação como libertadora e direito de todos, enfrentando desafios, por meio da luta com ética e respeito, compreendendo a docência como uma atividade revolucionária e transformadora. A docência é uma atividade didático-pedagógica que permite ao/a professor/a estabelecer relação com o objeto teoria-prática como unidade dialética. São experiências que nos propiciam cotidianamente revisitar nossas ações nos espaços escolares e não escolares. Essas experiências começam quando, ainda, estamos vivenciando momentos nos Estágios Supervisionados para nos formar professores/as.

Compreendo que não nos tornamos professores ou professoras, nos formamos para essa profissão. A formação inicial e continuada nos possibilita a profissionalização, pois continuamente aprendemos e nos desenvolvemos como pessoas e profissionalmente, de modo que a nossa identidade docente também se constrói com a participação do outro.

Nessa jornada, como um continuum, tecemos fios que se entrelaçam de forma a nos orientar em direção a objetivos que tem a aprendizagem, a formação e o desenvolvimento dos/as estudantes como objetos imperiosos para a nossa profissionalização. Esse tear nos permite o desenvolvimento da conscientização, pois, ao lecionar, colocamos nossos pensamentos em ação em relação às nossas necessidades formativas e dos/as estudantes. Assim, começamos a identificar o conhecimento profissional que precisamos nos apropriar para lecionar.

O primeiro contato do/a licenciando/a com a escola e com a comunidade, se dá a partir da realização dos Estágios Supervisionados. Documentos oficiais orientam quanto à sua realização em escolas de Educação Básica (Resoluções CNE/CP 1/2002 e 2/2002). São momentos singulares que propiciam diferentes sentimentos, significados e sentidos, de modo a revisitar situações de aprendizagens, desde quando ainda éramos estudantes na Educação Básica.

Por meio dos Estágios Supervisionados, o/a licenciando/a não adentra somente as salas de aula, seu olhar também se projeta para dentro de si. Inicia-se uma relação dialógica e dialética com seu futuro campo de atuação, de modo a possibilitar a realização de movimentos em direção aos conhecimentos internalizados para resolver situações que são constitutivas da sua profissão, vivenciando a realidade da sala de aula, os trâmites do sistema educacional e, ainda, a partilha de experiências com futuros colegas de profissão, em quem, algumas vezes, tomará como referências, significativas ou não, para a sua prática docente.

Outro momento singular para esse/a estudante que se forma, é quando começa a escrever suas primeiras publicações. Nesse momento, como em um memorial de formação, ao contar sobre suas experiências e resultados de suas pesquisas, se encontra com o seu passado e presente com as lentes para o futuro. São momentos de autorreflexão e de autoavaliação, enxergam-se os

reajustes que precisam e precisarão realizar no caminhar pessoal e profissional. Nos escritos que constituem a edição v3n1 (2021) Experiências Remotas II da revista Cadernos de Estágio, percebemos esse movimento: o/a licenciando/a, ora dialogando consigo mesmo/a, ora com autores/as que embasam seus trabalhos.

Os Estágios Supervisionados, segundo Andrade (2005), se constituem como uma importante esfera integradora dos currículos. É a esfera em que o/a licenciando/a vivencia pela primeira vez a sua identidade profissional e sente na pele o compromisso com o/a estudante, com sua família, com sua comunidade e com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência - fazer bem o que lhe compete, além da sua profissionalidade. Ao ler os textos que compõem essa edição dos Cadernos de Estágio revisitei meu passado e presente profissional e fui instigada mais ainda, a continuar vislumbrando a minha profissão docente, participando na formação desses sujeitos, com as lentes para a contribuição que poderão dar a educação.

São produções que os permitem continuar aprendendo, se formando, se autoformando e se desenvolvendo para então, saber ensinar, seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior em um contexto tão peculiar, no qual estamos vivenciando. Ler esses textos se constituiu como mais um momento de reflexão e de aprendizagem para mim. Possibilita ao leitor desenvolver o olhar de pesquisador em relação à sua profissão.

Esta edição apresenta 32 trabalhos, cujas publicações são relatos de experiências, crônicas, poesia e artigos científicos produzidos por professores/as supervisores/as de estágio e por estagiários/as sob a orientação de professores/as dos cursos de licenciatura de diferentes Instituições Superiores do Brasil. Os textos que foram escritos relatam novas situações vividas no espaço escolar, pois revelam possibilidades e desafios enfrentados na área educacional em um contexto pandêmico que nos permitiu voltar as nossas lentes em direção às desigualdades sociais, principalmente, na esfera educacional.

Os convido a rememorar seu passado e presente como licenciandos/as e como professores/as e aprender com os/as autores/as, como vivenciaram e foram desafiados/as em um novo contexto, cujas situações emblemáticas permitiram a autoformação e apropriação de novos saberes e novos conhecimentos para atuar em sua profissão.

Ao fazer as leituras dessas preciosas publicações, me deparei com um texto que muito retrata esse período emblemático e contemporâneo, o qual estamos tentando sobreviver – “Dentro e fora” de autoria de Maria Clara Gaiola Branquinho e Valeria Rosito. Me permitam escrever um trecho: *“O sertão é dentro da gente”* de Guimarães Rosa, quando quem o escreveu faz uma analogia ao tempo atual – *“analogia útil no presente momento em uma cidade árida de esperanças, minada de recursos, solitária, entre engarrafamentos no centro, a fome nas adjacências periféricas, explorada em um campo não lembrado, gigante em toda sua essência cidade tal, Nova Iguaçu.”* Esse trecho, em especial, nos leva a fazer comparações diversas com os desafios enfrentados por aqueles que

já são professores/as, e principalmente, por aqueles que estão se formando professores/as, pois em muitos momentos se viram tão solitários e com sede de novos saberes para atuar em um novo contexto.

Ao ecoar suas vozes, mediante seus escritos, os/as autores/as enunciaram e denunciaram “aquilo” que parecia escondido aos olhos e aos ouvidos daqueles que se acharam no direito de ter o lugar de fala numa esfera que não tem propriedade – a educação. Nessas vozes, denuncia-se, que mesmo não estando fisicamente na escola, os/as professores/as continuaram a exercer sua docência com maestria. Fizeram de tal forma, que me fez lembrar de um texto do Guimarães Rosa “Sussurro sem som onde a gente se lembra do que nunca soube.” Em nossos lares, silenciosamente e solitariamente, continuamos a ensinar e a aprender, às vezes, com partilha, ora com o outro da nossa profissão, ora com o conhecimento que ainda necessitávamos aprender para saber lidar com o distanciamento social, em particular, o distanciamento com a comunidade escolar. Estagiar nesse contexto, foi uma atividade emblemática, segundo os/as autores/as. Os fios tecidos se entrelaçaram em um ir e vir, num retomar e avançar que os/as permitiu mobilizar recursos psicológicos para resolver situações tão diversas.

E nesse grande tear que é ensinar e aprender, os/as autores/as contam sobre seus desafios em um contexto árido, mas uma aridez que fez brotar flores multicolor como as flores da Caatinga do Nordeste brasileiro, encantadoras! Novos caminhos teórico-metodológicos foram instigados a elaborar e a trilhar, e assim, foram se formando, se constituindo na profissão e constituindo o outro.

Se formar professor/a nesse “cronotopo pandêmico” (CASADO ALVES, 2020), é afetivo. Afetivo na perspectiva de ser um ato revolucionário, como defende nosso querido Paulo Freire, é afetar o outro, na pura essência do seu direito como cidadão crítico, reflexivo, criativo, solidário, e mais do que tudo isso, ter a conscientização de que são sujeitos de direito, de modo a compreender que a educação é libertadora. Citando Freire (1997), autores/as dessa edição dos Cadernos de Estágio, escrevem que a educação deve ser conscientizadora e libertadora, ao modo que propicie processos contínuos de recriação e ressignificação de significados.

Portanto, ensinar e aprender, como relatam os/as autores/as nessa edição é uma jornada inesperada, em que refletem e se formam aprendentes e ensinantes nos diferentes cursos de licenciatura do nosso país. Em seus escritos percebe-se que compreendem que ensinar é um ato amoroso, responsável ético, como enuncia Paulo Freire, que se materializa em atos conscientes pela liberdade, com o compromisso com o outro, respeitando-se a formação humana integral dos sujeitos. Sujeitos que buscam transformar o mundo e se transformar diante dele, almejando a igualdade de direito para todos.

Rozicleide Bezerra de Carvalho
09 de setembro de 2021

Referências

ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf; acesso em: 05 de setembro. 2021.

BRASIL. Conselho nacional de Educação/Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP 01/2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne>; acesso em: 08 de setembro. 2021.

BRASIL. Conselho nacional de Educação/Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP 02/2002**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Brasília: 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne>; acesso em: 08 de setembro. 2021.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

ALVES, Maria da Penha Casado. **Olhares bakhtinianos sobre contexto pandêmico**. Natal/RN. You Tube, 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/kHqzNW5Ok3s>. Acesso em 02 de setembro de 2021.